

# A ESCOLARIZAÇÃO NA PENITENCIÁRIA MODULADA ESTADUAL DE IJUÍ (RS): Processos de Subjetivação

Anelise Maria Belinaso<sup>1</sup>  
Maria Simone Vione Schwengber<sup>2</sup>

## RESUMO

O acesso e a permanência da escolarização consideramos fundamentais para a formação dos sujeitos na sociedade contemporânea. Quando, entretanto, a família e/ou rede primária de socialização não possuem capital cultural e econômico, tampouco oferecem a devida atenção à escolarização dos filhos, e ainda quando a escola regular exclui, a rua, ou melhor, um conjunto de abandonos, acabam, muitas vezes, produzindo as primeiras ligações com o mundo do crime. Neste artigo discutiremos os processos de subjetivação a partir da experiência da escolarização oferecida pelo Neeja na Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí (RS), às pessoas em situação de privação de liberdade. A pesquisa foi desenvolvida a partir das narrativas de vida de três sujeitos em processo de escolarização na citada Penitenciária. Nosso movimento de análise mostra que a escolarização na escola prisional contribui para a construção da subjetividade de sujeitos como capazes de aprender, de compreender o mundo dos conhecimentos e dos saberes científicos, e ainda produz uma certa minimização da experiência de exclusão e de discriminação social sofrida na escola regular, uma ressignificação das experiências escolares anteriores às da penitenciária. Contribui, também, para a humanização e a formação desses sujeitos na perspectiva da inclusão do detento, e por último propõe uma integração social, de emprego, de laços sociais, de relacionamentos e de reconhecimento de dignidades como indivíduos capazes de aprendizagens.

**Palavras-chave:** educação prisional; escolarização; processos de subjetivação; sistema prisional.

## THE SCHOOLING IN THE STATE MODULAR PENITENTIARY OF IJUÍ (RS): PROCESSES OF SUBJECTIVATION

## ABSTRACT

The access and permanence of schooling we understand as fundamental for the formation of subjects in contemporary society. When, however, the family and/or primary socialization network do not have cultural and economic capital, nor do they pay due attention to their children's schooling, and even when the regular school excludes them, the street, or rather, a set of abandonments, end up, often producing the first connections with the criminal world. In this article we will discuss the processes of subjectivation from the experience of schooling offered by Neeja, at the Modular State Penitentiary of Ijuí (RS), to people in situations of deprivation of liberty. The research was developed from the life narratives of three subjects in the process of schooling in the aforementioned Penitentiary. Our analysis movement shows that schooling in the prison school contributes to the construction of the subjectivity of subjects as capable of learning, of understanding the world of knowledge and scientific knowledge, and still produces a certain minimization of the experience of exclusion and social discrimination suffered in the regular school, a re-signification of school experiences prior to those in the penitentiary. It also contributes to the humanization and training of these subjects from the perspective of the detainee's inclusion, and finally proposes social integration, employment, social ties, relationships and recognition of dignities as individuals capable of learning.

**Keywords:** prison education; schooling; subjectivation processes; prison system.

Submetido em: 7/4/2023

Aceito em: 14/7/2023

Publicado em: 8/3/2024

<sup>1</sup> Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Ijuí/RS, Brasil. <https://orcid.org/0009-0009-0230-5020>

<sup>2</sup> Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Ijuí/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3583-1408>

## INTRODUÇÃO

Entendemos a escolarização como um dos pilares fundamentais para a inserção dos sujeitos na sociedade contemporânea. É por meio dela que se adquire conhecimentos, valores e habilidades, permitindo a compreensão e o exercício de direitos e de deveres, além de proporcionar abertura a outros mundos. Muitas vezes, entretanto, a falta de acesso à escola é um problema que afeta a vida de muitos sujeitos, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade social. Isso produz e amplia as condições de precarização. Segundo Foucault (2014):

É na escola que se aplica, talvez com mais rigor, o processo pelo qual, em toda a sociedade, são definidos os lugares dos indivíduos e dos grupos, as formas de submissão, as relações de autoridade, as hierarquias, as lutas e as estratégias de poder. A escola não é uma instituição que simplesmente educa ou que reproduz as desigualdades sociais; é uma instituição que produz a identidade das pessoas, que molda as mentes e os corpos, e que estabelece normas e valores que orientam as condutas (p. 176).

A escolarização é um espaço fundamental para compreender as dinâmicas de saber-poder (Foucault, 2014) presentes nas relações sociais e que influenciam a construção das identidades dos sujeitos. Além de transmitir conhecimentos e habilidades, a escola também exerce um papel na formação indetitária, produzindo valores que orientam comportamentos. Foucault (2014) destaca que a escola é uma instituição de saber-poder que amplia as posições dos sujeitos. Em outras palavras, a escolarização produz e pode reduzir as desigualdades sociais, podendo, também, ser mais um espaço de luta pelo saber-poder.

Nesse contexto, é importante refletir sobre a relação entre escolares e saber-poder, o que pode contribuir para a construção de identidades mais igualitárias. A escolarização tem o potencial de ser um espaço de transformação social, desde que crie condições para que todos os sujeitos possam desenvolver plenamente seu potencial, independentemente de sua origem social, raça, gênero e orientação sexual. É necessário, portanto, repensar a concepção e a prática da educação para que a escola seja um local de transformação e não apenas de reprodução das desigualdades sociais.

A exclusão da escolarização, em nosso entendimento, pode ser um dos fatores que leva muitos jovens a se envolverem desde muito cedo com o mundo do crime. Sem acesso à escolarização os jovens tornam-se vulneráveis a influências negativas e acabam encontrando na rua, no crime, uma forma, muitas vezes, de afirmação de sua identidade. É importante destacar que a falta de acesso à escolarização a um grupo de pertencimento está diretamente relacionada à vulnerabilidade social e à violência. Jovens que não têm acesso à escolarização de qualidade frequentemente têm dificuldades de ingressar no mercado de trabalho e acabam envolvendo-se, muitas vezes, em atividades ilegais como meio de sobrevivência.

Desse modo, lançamos a seguinte pergunta de pesquisa: De que forma os processos de subjetivação são desencadeados pela escolarização na Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí (RS)?

Apresentamos, ainda, o seguinte objetivo geral: compreender de que forma são desencadeados os processos de subjetivações a partir da experiência da escolarização oferecida pelo Núcleos Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (Neeja), na Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí (RS), às pessoas em situação de privação de liberdade.

A subjetividade não nos leva a pensar em como os sujeitos vão se modificando (ou não), referimo-nos, aqui, ao processo da escolarização. A subjetividade é produzida no social por um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos pela vida cultural. Foucault (2014) destaca o caráter relacional e institucional do sujeito, o que implica a configuração subjetiva. Com efeito, a subjetividade constitui-se mutuamente no plano individual (subjetividade individual) e no plano social (subjetividade social). Nessa perspectiva, o humano constitui-se socialmente na relação dialética entre a objetividade e a subjetividade. Assim, constituímos-nos subjetivamente, apropriando-nos da objetividade que nos cerca por intermédio de nossas ações. O sujeito objetiva-se e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo e se subjetiva (Foucault, 2014).

Desse modo, quem somos – o que se costuma chamar de subjetividade – se estabelece mediante jogos de força e de relações de saber-poder imanentes aos processos vividos (Foucault, 2014). Compreendemos, com Foucault (2014), a subjetividade como o modo no qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo com os saberes, em que ele está em relação consigo mesmo e com outros. Isso remete a pensar nos modos de ser engendrados no social, como no caso da escolarização, o que pode ajudar ou não o sujeito privado de liberdade.

As subjetividades que têm efeito temporário, ou, pode-se afirmar, provisório, são diferentes em cada um, mantendo livre a ideia da subjetivação circulante, criando, por meio da troca diária de experiências e vivências, a construção coletiva. Compreender os sujeitos como seres sociais leva a entender que as escolhas dos seres humanos não acontecem isoladamente; elas estão vinculadas a questões estruturais. A liberdade sofre a interferência do outro ao mesmo tempo que acontecem as interações sociais.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Esta pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, teve aprovação pelo Parecer 5.290.916 do Comitê de Ética. Pesquisamos o Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos Agente Penitenciário Jair Fiorin (NEEJAJF), localizado nas dependências da Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí (Pmei), situada na cidade de Ijuí, mais precisamente na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Trata-se de uma penitenciária projetada para atender à população masculina, embora abrigue, também, aproximadamente 38 mulheres num universo de quase 700 homens. O espaço conta com três módulos compostos de duas galerias – A e B – e são nomeados de módulos de vivência 1 e 2, módulo de apoio e sede administrativa. Esses módulos são construções nas quais ficam as celas destinadas às pessoas em privação de liberdade e também abrigam os serviços pertinentes à sua rotina, tais como cozinha, ambulatório, consultório odontológico, salas de aula, entre outros.

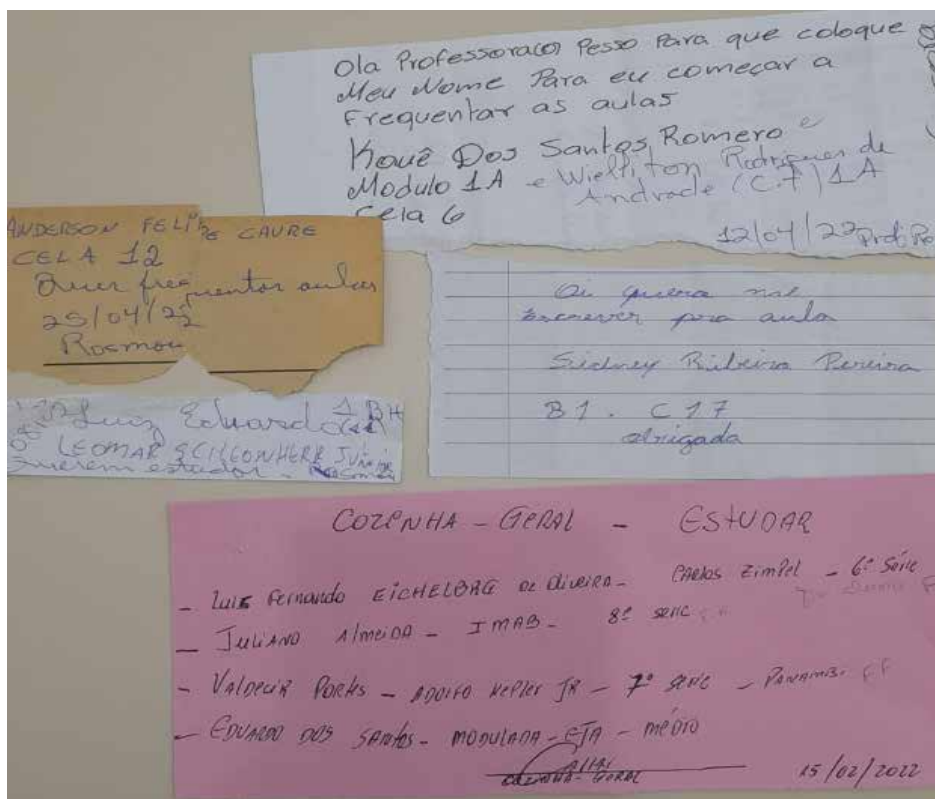
Ainda há a organização no que se refere à distribuição dos presos nas celas e nas galerias, que atendem às normas estabelecidas pela Superintendência dos Serviços Penitenciários (Susepe) relacionadas à arquitetura das penitenciárias estaduais.

No módulo de vivência 2 localiza-se o Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos Jair Fiorin, em que são desempenhados os trabalhos pertinentes à administração escolar e planejamento pedagógico das diferentes áreas do conhecimento, com uma equipe composta por uma diretora, oito professores e uma secretária. As salas de aula foram fisicamente estruturadas a partir de celas adaptadas, e ficam localizadas nas galerias desses módulos, ou seja, no seu interior. Assim, para que os(as) professores(as) possam ministrar suas aulas é necessário que sejam conduzidos ao interior das galerias dos módulos.

Todo o manuseio das pessoas é realizado pelos agentes penitenciários que, por sua vez, não andam no mesmo andar do preso e, conseqüentemente, dos professores.

Nas salas de aula a separação também é realizada pelo setor de segurança da penitenciária. Os presos não se misturam, podendo frequentar aulas dentro das salas de aula de seu respectivo módulo. Considerando essa engenharia do prédio, nas “celas de aula” a capacidade é de até dez alunos, e frequentam os que não concluíram os Ensinos Fundamental e Médio. A solicitação de uma vaga na escola é realizada por intermédio de bilhetinhos escritos pelos próprios presos. Esse bilhetinho é entregue ao representante da galeria, que repassa aos professores ou até mesmo para os agentes penitenciários. O termo “representante” é utilizado para nomear o preso que é eleito pelos demais presos pertencentes à mesma galeria.

Figura 1 – Bilhetes escritos pelos presos para solicitação de vaga na escola



Fonte: As autoras.

As aulas costumam durar duas horas. Os Neejas, dentro das unidades prisionais, oferecem aulas de alfabetização, Ensinos Fundamental e Médio, além de cursos profissionalizantes. As presenças precisam ser comprovadas pelas listas assinadas e apresentadas pelos professores à Secretaria do Neeja. A cada 12 horas-aula os alunos têm direito a um dia de remição de sua pena, porém a frequência é livre. O Neeja oferece, em cumprimento ao Regimento, exames fracionados com certificação e orientações aos exames nacionais, como Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Enceaja).

A denominação do Núcleo foi escolhida em homenagem ao agente penitenciário Jair Fiorin, servidor público, natural de Independência, residente e domiciliado na cidade de Santo Ângelo. Jair Fiorin ingressou no serviço público estadual no cargo de agente penitenciário no ano de 2002 na Penitenciária Estadual de Montenegro, na qual prestou serviços como servidor lotado até o mês de abril de 2003. A partir de 1º de maio de 2003 passou a integrar o quadro de servidores da Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí. Jair Fiorin, comprometido com suas atribuições, veio a falecer em 28 de janeiro de 2005, na cidade de Montenegro, quando, em serviço, no dia 16 de janeiro daquele ano, juntamente com outros quatro colegas agentes, foi interceptado por indivíduos fortemente armados para o resgate de dois presos que estavam sendo conduzidos ao hospital daquela cidade. Fiorin morreu aos 32 anos de idade.

O Núcleo Estadual de Educação de Jovens e Adultos Agente Penitenciário Jair Fiorin foi criado pelo Decreto nº 44.633 de 8-9-2006 e autorizado em 14 de novembro de 2012 pelo Parecer do CEED 858/2012.

Observa-se, ainda, que o aluno que realizar os exames fracionados, ofertados pelo Núcleo, tem sua aprovação quando atingir 50% de acertos em cada prova realizada nos determinados componentes curriculares nos Níveis de Ensino Fundamental e Médio. O Neeja Prisional certificou os primeiros concluintes em 2014, um ano após o início das aulas presenciais.

O Neeja é uma modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA) destinada a pessoas que não tiveram acesso à educação básica na idade adequada. O objetivo é oferecer oportunidades de estudo para que essas pessoas possam concluir o Ensino Fundamental e Médio. O currículo do Neeja é organizado em áreas de conhecimento, que são: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, que inclui Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Artes e Educação Física; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias, que inclui Física, Química e Biologia e Ciências Humanas e suas Tecnologias, que inclui História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Os Núcleos de Estudo de Educação de Jovens e Adultos oportunizam que as pessoas privadas de liberdade possam adquirir conhecimentos e habilidades, e, assim, aumentar suas chances de reintegração social após o cumprimento da pena. Os Neejas contam com professores capacitados e material didático específico para atender às necessidades dos alunos. Além disso, estes recebem acompanhamento pedagógico e psicológico, visando ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais e à promoção da autoestima.

É importante ressaltar que os Neejas são uma importante ferramenta para a ressocialização dos detentos, uma vez que a educação é fundamental para a construção

de valores, competências e habilidades, que contribuem para a sua reintegração na sociedade.

O Quadro a seguir apresenta os concluintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de 2014 a 2021.

Quadro 1 – Concluintes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de 2014 a 2021

ANO	MATRÍCULAS TOTAIS	MATRÍCULAS ENSINO FUNDAMENTAL	MATRÍCULAS ENSINO MÉDIO	CONCLUINTES ENSINO FUNDAMENTAL	CONCLUINTES ENSINO MÉDIO
2014	297	223	74	29	25
2015	292	194	98	54	32
2016	279	182	97	36	33
2017	242	166	76	35	30
2018	261	166	95	26	33
2019	231	147	84	24	32
2020	243	154	89	35	21
2021	243	154	89	28	33

Fonte: As autoras.

O Núcleo desenvolve o processo de matrículas durante os semestres letivos, com avaliações também no final de cada semestre. Cabe observar que no ano de 2020 o processo de avaliação ocorreu no final do ano letivo em razão da Covid-19, que alterou o ritmo do trabalho escolar.

O conjunto deste estudo mostra que ocorreu uma regularidade importante durante o período analisado, que foi de 2015 a 2020, tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Ensino Médio, indicando que o Núcleo tem conduzido seus trabalhos de forma a proporcionar os melhores resultados no andamento das suas atividades, levando o conhecimento escolar aos seus alunos da melhor forma possível, considerando as características especiais em que se desenvolve sua ação escolar.

Pelo supraexposto, portanto, é relevante a importância do Núcleo Prisional, neste contexto escolar, com um trabalho em equipe voltado aos objetivos de levar o conhecimento escolar, mesmo que em condições adversas, a todos aqueles que desejam se reencontrar com a escola, na expectativa de agregar conhecimentos que venham a ajudá-los numa possível mudança de rumo.

Por fim, vale mencionar que o Neeja procura desenvolver projetos próprios, com inserção nos concursos, estudos e pesquisas comunitários nos âmbitos municipal, estadual e federal. Na sequência é feita uma breve explanação das atividades extracurriculares em que estamos inseridos, de forma colaborativa e participativa, não só por esta pesquisadora estar há oito anos à frente da educação prisional em Ijuí, atuando na função de diretora, mas por acreditar na educação popular participativa e transformadora, bem como na expectativa de sair da invisibilidade social. Alguns dos projetos em desenvolvimento no Neeja são: Segurança e Trabalho, Remição pela Leitura, Alfabetização, Cine Debate, Cultura Popular, Leitura na Cella e Prato Feito.

Assim, esta pesquisa foi desenvolvida com a realização de entrevistas com três alunos da escola. Elas aconteceram mesmo com alguns obstáculos por se tratar do contexto prisional, que apresentou condições que acabaram por contribuir ao invés de prejudicá-las. Os entrevistados cumprem penas em regime fechado e possuem diferentes condenações, mas, em comum, têm, em seus percursos escolares, a evasão escolar, o envolvimento com o crime, o cárcere e as histórias de vida marcadas pela vulnerabilidade econômica, familiar e social.

A seguir apresentamos o perfil dos entrevistados. Cabe ressaltar que os nomes atribuídos a eles são nomes-fantasia.

Quadro 2 – Perfil dos entrevistados

NOME	ARTIGOS DOS CRIMES COMETIDOS	REGIME	SENTENÇA	TEMPO CUMPRIDO	ESCOLARIDADE	TEMPO REMIDO PELO ESTUDO
Marinheiro	Artigo 217	Fechado	19 anos e 7 meses	9 anos	Alfabetizando	67 dias
Mensageiro	Artigos 33 e 121	Fechado	15 anos	4 anos	Ensino Médio Incompleto	67 dias
Cavalheiro	Artigo 228	Fechado	6 anos	9 meses	Ensino Médio	50 dias

Fonte: Respostas do questionário aplicado aos entrevistados.

Para a redação da análise dos dados produzidos pelas entrevistas como modo de explicar as atividades cotidianas referentes à existência da escola no contexto prisional, e, ainda, na tentativa de identificação dos processos de subjetivação por meio da escolarização e compreender como o sistema prisional promove mudanças na vida dessas pessoas e que estratégias encontram para lidar com a vida na prisão, tal análise foi dividida nos seguintes temas: dados básicos de identificação; trajetória escolar na infância; escola na prisão.

Ao investigar a subjetividade no contexto prisional, procuramos a experiência vivida dos sujeitos da pesquisa, considerada, dentro do discurso, importante para a compreensão do objeto de estudo. Cada pessoa tem uma experiência de consciência única, então temos de entender como cada preso percebe sua realidade na prisão.

### **NARRATIVAS REFERENTES À TRAJETÓRIA ESCOLAR DOS SUJEITOS EM SITUAÇÃO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE**

Marinheiro é um homem de 40 anos, de personalidade positiva. Foi pai aos 17 anos e serviu ao Exército. Marinheiro encontra-se preso há 9 anos, cumprindo uma pena fixada em, aproximadamente, 17 anos. Passou quase meio ano sem visitas e sem saber ao certo o que havia acontecido; assinou todos os papéis sem ler uma única palavra. Quando foi transferido para a Penitenciária em Ijuí ele começou a receber visitas de sua mãe. Ela o visitava todas as semanas, trazendo algumas coisas e ficando 15 minutos com ele. Às vezes faltava assunto e ela acabava lendo a Bíblia para ele. Com muito esforço, eles conseguiram pagar um advogado, mas sua mãe ficou doente e demorou a voltar

no dia programado para a visita. Sem visitas e sem dinheiro, ele estava prisioneiro na última cela da galeria, sem um advogado.

Nossa! Naquele tempo eu achava que não iria viver. A comida chegava fria, misturada e bem pouca, era muito frio e eu pensava em dormir e não acordar mais. Na cela comigo, outros caras fumavam coisas erradas; eu só rezando. Eu queria cantar um louvor, mas cantava na minha cabeça. Um dia chegou um senhor na cela; ele tinha uns livros. Eu perguntei: Como você tem esses livros? Era a escola. Antes eu ouvia o barulho de celas que os guardas abriam e fechavam, mas não sabia o que era; eles passavam em cima, gritavam: “Olha a aula, olha a aula”. Eu achava que era tipo uma aula, mas não de colégio. Eu não sabia ler. Não pedi para ir.

Depois de algum tempo, observando os barulhos das grades e os comentários daqueles que estavam frequentando a escola, veio transferido um senhor para a cela de Marinheiro; desta vez uma novidade que mudaria a sua trajetória na penitenciária. Soube por aquele homem que as aulas poderiam ser para alfabetizados. Os que já frequentavam contaram que no antigo refeitório havia um professor dando aulas de alfabetização. Prontificaram-se em mandar um bilhetinho solicitando aulas para Marinheiro, e não demorou para ele ser chamado.

No primeiro dia eu nem tinha nada que era de colégio, nem lápis e caderno. Daí me chamaram e a porta abriu; fui com os outros e era mesmo no refeitório; eu nem sabia que tinha. Um homem alto e sorridente olhou e disse para eu pegar o material com meu nome. Esperei todos pegarem para ver o que sobrava. O professor perguntou poucas coisas, mas escrevia bastante num caderno dele. Deu umas coisas de colorir e disse que era para treinar as mãos, que a gente logo, logo começaria a escrever. Cada dia eu ia mais animado. Cortei o cabelo e comecei a tomar banho antes da aula. Um dia tinha as letras nas paredes e o professor mostrou como ir juntando o nome da gente, a senhora sabe? Desse jeito dá para aprender.

Desde março de 2019 Marinheiro começou a frequentar as aulas dentro da Penitenciária. A cada aula seu entusiasmo aumentava e a perspectiva de aprender também. Uma nova caminhada iniciava-se. Não demorou muito e ele foi convidado para o trabalho prisional. Começou limpando o prédio de serviços administrativos, depois foi chefe da cozinha do mesmo prédio. Durante todo esse tempo não deixou de estudar. Com a permissão dos agentes penitenciários conseguia material de apoio com os professores. A dedicação com o trabalho foi a mesma de outros tempos, ainda mais que não recebia visitas. Tudo parecia melhorar, mas em 2020 veio a pandemia da Covid-19. “Ninguém aparecia; as visitas sumiram; não deixavam entrar; eu tive que voltar a cozinhar” (Marinheiro).

Nesse período, Marinheiro foi convidado pela direção da Penitenciária Modulada para trabalhar no contêiner. Nele, são armazenadas mercadorias de higiene, limpeza e demais itens alimentícios, produtos disponíveis aos apenados. A possibilidade da cantina, nome dado ao contêiner, ocorre por meio de licitação para esse tipo de comércio dentro das penitenciárias, presídios e demais instituições prisionais. Entre as regras da comercialização dos produtos há uma quantidade e um montante financeiro durante o mês que não podem ser ultrapassados. Todos os serviços executados dentro da penitenciária são realizados pelos privados de liberdade. Com a cantina não seria



diferente. As encomendas são feitas pelos privados das galerias por intermédio de seus representantes, pois cada galeria tem um representante.

Foi no espaço de trabalho prisional que Marinheiro realmente conseguiu ler pela primeira vez. Lia relacionando as embalagens, as cores, as letras iniciais e a junção das sílabas. Começou a copiar os rótulos nos momentos de descanso, mas, desta vez, copiava lendo, mesmo que passasse horas em um só parágrafo.

O segundo entrevistado, o Cavalheiro, está preso pela segunda vez, atualmente com 27 anos de idade, condenado a cumprir sua pena em regime fechado; está na PMEI desde 2016. A narrativa a seguir foi produzida a partir das respostas do questionário da pesquisa. Cavalheiro começou agradecendo o convite para participar da pesquisa.

Nossa! Faz tanto tempo que não saio da galeria que, mesmo conhecendo a senhora, estou sem jeito. Fico muito agradecido pelo convite. Eu realmente não imaginava que aqui tinha tantos livros.

Demorou um pouco para que Cavalheiro voltasse a responder às questões referentes à escolarização. Naquele momento parecia ansioso; tinha necessidade de contar a posição de destaque que ocupava na galeria. Na verdade, parecia querer aproveitar o momento fora da galeria, preferindo dar continuidade às referências do seu suposto poder naquele local.

Na chegada dos novatos procuro estar presente, afinal são 25 celas depois de três grades para eu dar conta. Toda cela tem um preso que, por ser mais antigo no sistema, deseja ser mais respeitado, daí surgem as perguntas: Já ligou pra algum familiar teu? Assim, já avisam que precisam falar comigo, que para ter a ligação, água e respeito, irão depender de mim. Sou o único a transitar no corredor, ou melhor, a ter a cela aberta. Controlo o *freezer* e tenho dois para ajudar.

Segundo Cavalheiro, a maioria dos colegas de sua galeria estiveram envolvidos com bebida, pedofilia, abuso sexual, feminicídio, homicídios, além de ela sediar os rejeitados das outras galerias. Por isso, considera sua liderança a mais competente, posto que não há rebelião desde 2018 e que organiza as situações para manter a disciplina. Uma das maneiras é fazer com que os PPLs trabalhem ou estudem, e afirmou ser um parceiro da escola, mantendo a sala de aula sempre cheia.

Cavalheiro é acusado de homicídio, condenado a 15 anos de reclusão em regime fechado. Ele declara:

Aqui eu voltei a estudar, até pra me ocupar, senão eu ia ficar louco. Então, tentei pegar a Prefeitura; aqui tem gente muito complicada. Tenho uma porcentagem de dinheiro numas situações. Na pandemia vi que eu podia terminar meus estudos, um dia perdi o sono e fiquei lendo a apostila do Antônio, que mora comigo; não achei difícil. Daí fui lendo as outras, mas tinha vergonha de pedir para estudar. As professoras já tinham vindo falar comigo umas quantas vezes. Mesmo vendo vocês, eu tinha muita vergonha, mas fiz como os outros fazem: junto com os bilhetinhos, mandei o meu.

O terceiro entrevistado foi Mensageiro, um dos presos que transitava pelo pátio da Penitenciária diariamente, sempre carregando alguma coisa; costumava baixar a cabeça quando alguém passava por ele, e, de certa forma, cumprimentava com um

breve aceno com a cabeça. Parecia evitar ver e ser visto por quem ali transitava. No dia em que o Neeja entregou uma caixa de livros na sua galeria, mesmo desviando o olhar, perguntou se poderia retirar um livro; falou com a voz tão baixa que mais parecia um sussurro, mas o suficiente para quem queria ouvi-lo. Nessa ocasião foi efetuada sua matrícula na escola, mesmo alegando não lembrar se estudara.

Quanto aos estudos na penitenciária, Mensageiro buscava as apostilas que o Neeja dispunha como apoio e orientação por área do conhecimento. Em aproximadamente sete meses conseguiu concluir o Ensino Fundamental. Também nesse ínterim acostumou-se a retirar livros de diversos gêneros literários. Nos dias destinados às visitas, Mensageiro ia à sede da escola. Cabe esclarecer que devido à circulação significativa de pessoas não há aulas nesses dias, e como não tinha quem o visitasse ele acabava visitando.

Entregava as atividades e ao mesmo tempo já recebia outras. Então, após o recesso escolar do ano de 2021, Mensageiro manifestou interesse em dar seguimento aos estudos, matriculando-se no Ensino Médio, seguindo a mesma dinâmica que havia adotado para estudar. A aplicação das provas referentes às Áreas do Conhecimento findou em abril de 2022. Teria, então, conseguido efetuar todas as avaliações, tendo êxito e concluído o Ensino Médio. Nesse decurso, foi perguntado a ele se poderia participar da pesquisa que estava sendo realizada, o que prontamente aceitou e, lisonjeado, agradeceu por ter sido lembrado. Preencheu todos os dados, permitindo ser entrevistado.

Mensageiro, já nas primeiras respostas do questionário da entrevista, parecia ter ensaiado o que iria dizer. Contou que nunca esteve matriculado numa escola, e que na penitenciária teria sido a sua primeira experiência com conceitos, conteúdos e atividades orientadas. Afirmou não ter tido dificuldade com o método de ensino, mas com sua autoestima, e que se não fosse o incentivo constante teria desistido. “Cheguei aqui tão apavorado, não sabia o que ia ser de mim. Fiz bobagem, tentei terminar com a minha vida. Na segunda semana já comecei a trabalhar no pátio e a senhora veio me pedir se eu queria aula. Acho que me ajudaram a pensar diferente” (Mensageiro).

Mesmo sabendo, entretanto, que não havia frequentado a escola regular, ele revelou dominar a leitura e a escrita desde sua infância treinando na boleia do caminhão de seu pai. Durante as longas viagens em que acompanhava seu pai, sempre lia as placas, fazia anotações e muitos cálculos. “A maioria das minhas coisas que escrevia eram com números. Aprendi vendo. Tinha dias que eu ficava lendo as placas em voz alta, tinha medo que o pai dormisse, também lia revistinhas, às vezes a gente dava risada juntos” (Mensageiro).

Mensageiro, condenado a cumprir pena de 23 anos de prisão, é um dos integrantes do topo da lista dos sentenciados a permanecer em regime fechado por mais de 10 anos. Se, por um lado, sua condenação trouxe desespero, por outro foi a mesma que oportunizou seu acesso ao curso superior. Em meados de agosto foi comunicado pela diretora da PMEI que preencheria os critérios para participar do vestibular promovido pela Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – Unijuí. Cabe salientar que um dos critérios era justamente o cumprimento de pena em regime fechado por, no mínimo, três anos, para cursos de Graduação em Educação a Distância (EaD) escolhidos

com tempo previsto de duração para estudo num total de até três anos. Surpreendentemente, Mensageiro ficou em primeiro lugar no vestibular, garantindo, assim, uma bolsa na educação superior.

A percepção dos sujeitos entrevistados sobre a escolarização durante o período de encarceramento aponta para resultados positivos na autoestima e nas perspectivas de vida. Os sujeitos entrevistados relataram que a oportunidade de estudar dentro da penitenciária foi uma forma de se sentirem mais valorizados e de aumentar a autoestima, uma vez que a educação é vista como uma maneira de crescimento pessoal e profissional. Além disso, a escolarização também foi percebida como um modo de aumentar a possibilidade de conquistar uma oportunidade no mercado de trabalho ao sair em liberdade, uma vez que muitas empresas exigem um nível mínimo de escolaridade para contratação. A seguir são apresentados trechos retirados das entrevistas:

Nos dias de aula a gente toma banho com bastante sabonete para ir com um cheiro melhor, é o único que não precisamos usar as algemas (Marinheiro).

Se não fosse a escola, o J. não tinha concluído os estudos, e olha agora, assim que saiu daqui já conseguiu um serviço (Cavalheiro).

Achei que ia morrer puxando o carrinho da comida, daí veio a faculdade; só passei porque estudei pela primeira vez na vida numa escola, a escola da cadeia (Mensageiro).

Os sujeitos da pesquisa, a partir de suas vivências no NEEJAJF, reconhecem as fragilidades existentes e identificam aspectos relevantes. Nesse sentido, são expostos os seguintes relatos:

Mesmo que eu concorde que é importante estudar, no começo só pus meu nome na lista da escola porque estou preso e aqui não tinha muito o que fazer, hoje dou valor (Cavalheiro).

Se não fosse a escola da cadeia eu não tinha estudado, agora estou cursando gestão de pessoas pela Unijuí (Mensageiro).

Outro ponto destacado pelos entrevistados foi a importância da escolarização na construção de um futuro digno, o que eles chamam de melhor – considerando o que se pode alcançar depois da saída do sistema prisional. Eles afirmaram que a oportunidade de estudar dentro da penitenciária possibilitou uma reflexão acerca de suas escolhas e uma maior consciência sobre as consequências dos seus atos. Essa reflexão foi vista como um incentivo para buscar uma vida melhor após a liberdade, com a possibilidade de construir uma nova trajetória com base na educação e na qualificação profissional.

A partir dos resultados obtidos pode-se concluir que a escolarização na penitenciária pode ter um impacto significativo na vida dos detentos. Além de contribuir para a formação pessoal e profissional, a educação pode ser uma forma de estimular a reflexão e a mudança de comportamento, o que é fundamental para a reinserção social após a liberdade. É importante, todavia, que o acesso à educação seja garantido como um direito fundamental do detento, e que sejam criadas políticas públicas que incentivem a formação e a qualificação profissional durante o período de encarceramento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a educação os detentos podem desenvolver novas habilidades, competências e formas de pensar, o que contribui para a construção de uma nova identidade e para a transformação pessoal e social. A escola na prisão pode ser uma ferramenta importante para a ressocialização dos detentos, uma vez que possibilita a construção de um projeto de vida e a reflexão sobre as escolhas que levaram à situação de prisão.

É necessário, no entanto, destacar que o processo de subjetivação pela escola na prisão não é automático. Esse processo pode contribuir para mudar a visão de mundo destes sujeitos na perspectiva da construção de um novo projeto de vida. Segundo Maeyer (2017):

O acesso à educação para pessoas privadas de liberdade é uma condição prévia para a sua reabilitação e reintegração na sociedade. A educação ajuda os prisioneiros a desenvolver habilidades e conhecimentos que podem ser usados no mercado de trabalho e na vida cotidiana, além de proporcionar a eles um senso de dignidade e autoestima.

Em síntese, Maeyer (2017) destaca que a escolarização na prisão é um meio fundamental para a subjetivação do indivíduo, ou seja, para ajudar os detentos a se tornarem sujeitos conscientes e críticos. A escolarização pode ajudar os sujeitos a compreender a si mesmos e a sua história, a refletir sobre sua relação com o mundo e a tomar consciência de sua condição de sujeito. Além disso, a escolarização não é apenas um meio de adquirir conhecimentos e habilidades, mas também uma forma de compreender o sentido da vida e das relações humanas, o que pode ser muito valioso para a sua reintegração na sociedade após a sua libertação.

Esta pesquisa possibilitou a produção de amostragens sobre a educação oferecida na Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí, evidenciando que quando as pessoas em situação de privação de liberdade têm acesso à educação enquanto estão cumprindo pena, têm a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e habilidades que podem ser úteis para a vida fora da prisão. A educação também pode ajudar a melhorar a autoestima e a autoconfiança dos detentos, tornando-os mais propensos a adotar comportamentos positivos e a buscar novas possibilidades após a libertação. Além disso, a escolarização pode contribuir para a redução da reincidência criminal.

É importante, portanto, que a Penitenciária Modulada Estadual de Ijuí continue oferecendo oportunidades de educação às pessoas em situação de privação de liberdade, com a finalidade de beneficiar o aprendizado e garantindo oportunidades de sucesso na reintegração à sociedade após o cumprimento da pena. É preciso ressaltar, no entanto, que a educação dentro do sistema prisional ainda enfrenta diversos desafios, como a falta de recursos financeiros que garantam infraestrutura adequada para o ensino.

Por fim, a pesquisa mostra que a escolarização na Penitenciária de Ijuí tem contribuído significativamente para a formação de novas subjetividades das pessoas em situação de privação de liberdade, permitindo-lhes reconstruir suas identidades e construir novos projetos de vida. Nesse sentido, a educação pode ser vista como um importante fator de mudança social e de promoção da justiça social. Nesse sentido, é fundamental investir em políticas públicas que garantam o acesso à educação de qualidade:

A educação tem duas tarefas muito importantes a cumprir. A primeira é que ela deve ensinar a pensar. A segunda é que ela deve ensinar a julgar. [...] A educação deve ser voltada para a formação do cidadão ativo e participativo, capaz de exercer sua liberdade e de se engajar na vida política da sociedade (Arendt, 1958, p. 81-82).

A oferta de escolarização dentro das prisões é uma medida que pode ajudar a reduzir a reincidência criminal. Ao proporcionar acesso à educação, é possível estimular a reflexão sobre a própria vida e as escolhas que levaram à prisão, além de possibilitar a aquisição de conhecimentos e habilidades que podem ser utilizados no mercado de trabalho após a liberdade.

O cárcere não pode ser um lugar de morte, de esquecimento, de desesperança. Precisa ser um espaço de vida, de lembrança, de esperança (Freire, 1996). Cabe destacar a importância de proporcionar condições dignas de vida dentro das prisões, quando os direitos humanos são respeitados e a reabilitação é priorizada. A mensagem fundamental é de que todos os seres humanos merecem uma chance de redenção e de construir um futuro melhor.

## REFERÊNCIAS

- ARENDR, H. *The Crisis in Education*. Chicago: The University of Chicago Press, 1958.
- ARENDR, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2019.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2013.
- BONETI, L.; LANGNER, F.; ASINELLI-LUZ, M. A produção de subjetividade e as instituições escolares. *Caderno Cedes*, v. 42, n. 116, p. 160-176, 2022.
- BONETI, L. W.; LANGNER, A. L.; ASINELLI-LUZ, A. O ensinar fazer ou o ensinar pensar para a construção da autonomia: um diálogo entre Paulo Freire e Edgar Morin. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, RS: Editora Unijuí, v. 37, n. 118, e 12153, 2022. ISSN 2179-1309.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2019.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- INFOPEN. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (2020). *Dados estatísticos sobre o sistema penitenciário brasileiro*. Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2021. (Infográfico: Perfil da população carcerária brasileira).
- MAEYER, Marc De. Educação em prisões. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, p. 51-70, 2017.
- SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

### **Autora correspondente:**

Maria Simone Vione Schwengber

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Rua do Comércio, Nº 3000 – Bairro Universitário. Ijuí/RS, Brasil. CEP 98700-000

simone@unijui.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído  
sob os termos da licença Creative Commons.